



O Diário

BARRETOS, TERÇA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 2022

Opinião

opinião aberta

PROF^a ESP. KARLA ARMANI MEDEIROS

historiadora, professora de História e titular da cadeira 7 da ABC –
www.karlaarmani.blogspot.com / @profkarlaarmani



As praças não serão esquecidas

Domingo à tarde, naquela típica paisagem de inverno barretense de sol ralo e ar seco, enquanto passeava de carro com a família, passei em frente às praças Santa Helena, São Benedito e Conselheiro Antônio Prado. Em todo o caminho, quase numa viagem do tempo, pus-me a pensar. Depois da lamentável e impiedosa demolição da praça Nove de Julho, o que poderia acontecer às outras praças de Barretos?

O barretense que frequenta as praças, conhece a origem e o motivo de certa praça ter aquele nome? São poucos os que conhecem. São muitos os que adorariam conhecer, eu sei. Sei porque não há quem não se admire quando conto que a Praça da Primavera na verdade se chama "Poeta Nidovaí Reis" por ter

recebido parte das cinzas do poeta quando de sua morte. Da mesma maneira, as pessoas sentem-se curiosas quando descobrem que a praça em frente à Escola Almeida Pinto não se chama mais Praça da Bandeira (teve este nome somente de 1948 a 1984), ela nasceu como Praça São Sebastião e assim se mantém até hoje - ainda com o cruzeiro dedicado ao mesmo santo. Desde o começo do século XX, quando o centro começou a ganhar seus contornos urbanos, certos quarteirões já foram destinados como praças, ou melhor dizendo: largos. As mais antigas praças eram o "Largo Nossa Senhora da Conceição" (que virou Largo da República e, em 1915, Praça Francisco Barreto) e o "Largo de Nos-

sa Senhora do Rosário" que ficava em frente à primitiva capelinha do Rosário; a qual depois de demolida serviu de lugar para a estação ferroviária - motivo que deu ao largo o nome de "Praça Conselheiro Antônio Prado". Essa praça, (pasmem!), é do século XIX! A sua história perpassa a escravidão, a imigração, o Outro Mundo e a ferrovia. As praças contêm árvores, lindos coretos, bancos, caminhos, placas históricas, monumentos e muita história para ser revelada às pessoas. Mas, para isso, elas precisam existir e jamais serem destruídas. Ao menos pela História, elas serão lembradas. (Assinado: alguém que nunca se conformará com a destruição da Nove de Julho).